

ENTREVISTA

Fernando Marques - Presidente da Sociedade de DST/AIDS do DF e Entorno

A propósito do papel das sociedades agindo na área de DST/AIDS.

Há dois anos e meio foi criada a Sociedade de DST/Aids do Distrito Federal, constituindo-se na décimo quarta do país, filiada à Sociedade Brasileira de DST/Aids. Seu novo presidente, Fernando Marques fala à Revista Tempus sobre o papel das entidades semelhantes, em relação ao tema da sexualidade e do contexto específico da capital federal.

Revista Tempus: O que pode diferenciar a Sociedade de DST/aids do DF de outras no país?

Fernando Marques: sendo composta fundamentalmente por profissionais ligados à Secretaria de Saúde do DF, por integrantes da Fundação de Ensino das Ciências da Saúde do DF (FEPECS) e da Universidade de Brasília, os profissionais, como em outros lugares, estão disponibilizando suas expertises para integrar o conhecimento científico, o ensino e o serviço público de saúde, em benefício da comunidade. O que diferencia Brasília, é o fato de ter se tornado um aglomerado metropolitano com desafios que grandes cidades brasileiras foram acumulando ao longo de mais de quatro séculos. O crescimento, rápido demais, chegou em apenas 50 anos à beira dos três milhões de habitantes, criou uma região de influência

geoeconômica que abrange 22 municípios, conformando juntos a Região Integrada de Desenvolvimento do DF e Entorno (RIDE-DF), que soma cerca de quatro milhões de habitantes. Além disso, o DF tornou-se referência para áreas que se encontram mais próximas de Brasília do que das respectivas capitais, tais como Barreiras na Bahia, a região de Paracatu, o Triângulo Mineiro e Sudeste de Goiás. Problemas como o uso abusivo de substâncias psicoativas -- as drogas-- e a violência cresceram de forma espantosa aliado à falta de infraestrutura dos serviços da área social, principalmente saúde, educação e serviços de assistência social, gerando uma grande demanda que sobrecarrega os serviços do próprio DF.

Revista Tempus: Essa sobrecarga é bem conhecida no DF; ela aumentou?

Fernando Marques: Acho que os serviços públicos pararam no tempo. Há uma defasagem de 20 anos. Nem o DF andou para dar conta da sua própria demanda de modo satisfatório, nem os municípios da região construíram ainda a capacidade de dar resposta às suas necessidades em saúde.

Revista Tempus: Como é que esse contexto afeta o processo de construção de uma sociedade de DST/aids?

Fernando Marques: Acho que é necessária uma mudança de foco. É preciso abrir-se à comunidade e colocar à sua disposição nossa experiência e o fato de sermos, a maioria, profissionais engajados no serviço público. A sociedade de DST/aids tem dois papéis: um como sociedade civil e outro como entidade científica. Além da necessidade de se comunicar entre pares, de se aperfeiçoar como profissionais, nós sentimos que podemos contribuir também com a população de outras maneiras. É necessário se perguntar, como a comunidade está lidando com questões relacionadas com a sexualidade e com as DST? De que modo se está organizando para construir uma resposta aos problemas que se apresentam? Como podemos contribuir para essa resposta?

Revista Tempus: Você falou na sexualidade; como a comunidade está lidando com aspectos da sexualidade; isso constitui parte do papel da sociedade científica?

Fernando Marques: É preciso entender que estamos lidando com uma parte rica da expressão humana: a sexualidade. Ela não deve ser apenas objeto de estudo. A sexualidade constitui parte da vida das pessoas, da sua felicidade, da sua realização plena. A doença é uma contingência com a que temos que lidar. É bom lembrar que a sexualidade está ligada com a violência e com o uso de substâncias psicoativas. Em um contexto tão complexo de inequidades sociais, de assimetrias de gênero, de pessoas sofrendo a pressão do consumo e ao mesmo tempo sobrevivendo em condições subhumanas tão próximas da sede do poder na unidade federada de maior renda per cápita, o papel de uma sociedade extrapola o âmbito restrito da

ciência. Ela deve ser propositiva e cobrar para que sejam efetivadas as respostas. Deve contribuir proativamente onde estão acontecendo os problemas. Deve trabalhar com a cultura da comunidade para superar essa exclusão que conseguimos reproduzir aqui no centro do país.

Revista Tempus: Quais são as expectativas diante desses desafios?

Fernando Marques: É preciso refletir para a grande missão de articular setores tão diferentes como o educativo e o da saúde, além dos âmbitos onde acontece o cotidiano das pessoas: locais de lazer, comércio, esporte, criação artística... Realmente para se chegar a contrair uma DST, HIV, hepatites, aids, tem que ter acontecido uma sucessão de perdas de oportunidades. É nosso papel contribuir para oferecer essas oportunidades de promoção e prevenção. É necessário que as pessoas vejam que há alternativas. Felizmente há boas experiências que surgiram em várias cidades do DF além de Brasília, como na Ceilândia e Taguatinga, por exemplo, onde pessoas têm se mobilizado e organizado para lidar com a questão das drogas nas escolas, com as crianças órfãs soropositivas para HIV, para enfrentar a violência e fomentar uma cultura de paz. Numa questão tão delicada como a sexualidade, encarada de modo positivo, devemos focar os cuidados preventivos do sexo seguro e a contracepção. Esse esforço deve incluir vários segmentos da sociedade civil, comunitárias, esportivas, religiosas, musicais, e outros. Neste sentido gostaríamos de divulgar os nossos contatos para que pessoas interessadas possam se juntar a nós.